

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

INGRID DANIELLE CRIZOSTOMO GONÇAVES

**PERCEPÇÕES DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN SOBRE O
SIGNIFICADO DA DANÇA**

GOIÂNIA – GOIÁS

2017

Ingrid Danielle Crizóstomo Gonçalves

**PERCEPÇÕES DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN SOBRE O
SIGNIFICADO DA DANÇA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura de Educação Física.

Orientadora: Vanessa Helena Santana Dalla Déa

GOIÂNIA – GOIÁS

2017

*Ao meu pai **Valim Gonçalves** e Minha mãe **Maria da Paz Crizóstomo**
pelo exemplo de superação e pelo apoio que sempre me deram nos
estudos.*

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa, por me ajudar na produção da monografia e no meu percurso acadêmico. Obrigada por acreditar em mim.

Agradeço meus colegas de curso especialmente minha amiga Medhélín Eloara F. Marques que me ajudou em vários momentos em meus trabalhos acadêmicos sempre disposta a ajudar até mesmo de madrugada. Obrigada pelo companheirismo.

Agradeço minha amiga Natalia Ferreira minha companheira de projetos extensão, de objetivos a serem alcançados e de me ajudar a ser mais organizada colaborando para um melhor desempenho em todas minhas atividades.

Agradeço meu amigo Patrick Morais de Souza Lima por acompanhar meu percurso como estudante desde o vestibular e ajudar nas horas que eu mais precisava me incentivando durante todo curso.

Agradeço meu amigo Bruno dos Santos Lima por aguentar meus dias de stress e de escutar os desabafos dos meus problemas na faculdade e me ajudar na minha vida profissional me dando dicas, sugestões e me incentivando a sempre crescer mais profissionalmente.

Agradeço meu amigo Reinaldo Magalhães pelas ajudas intermináveis nos trabalhos, apresentações durante minha graduação.

Agradeço meu amigo Juliano Capuzzo que não está mais entre nós mais que me apoiou em todos os sentidos e se mostrou amigo nas horas que mais precisei, me mostrou que desistir não é a saída para nada.

Agradeço a Prof^a Jessica de Moura Pereira por deixar acompanhá-la como monitora de disciplina que contribuiu para que eu tivesse uma visão mais ampliada da atuação de um docente e possibilitou conhecimento maior sobre as práticas aquáticas e de como ajudar ao próximo.

Agradeço a todos os meus professores que ajudaram na minha formação, por ter bons exemplos escolhi a educação física licenciatura como profissão e sinto orgulho da minha escolha.

RESUMO:

A dança é uma forma de expressão corporal que carrega consigo uma história de um povo que a criou, onde os significados e sentidos são marcados por meio de movimentos e de ritmos, além de ser uma prática corporal repleta de benefícios, como: condicionamento físico, alongamento, elasticidade, coordenação, equilíbrio, memória, expressão, sociabilidade e autoestima. O objetivo dessa pesquisa é compreender como pessoas com síndrome de Down interpretam os significados de duas danças populares. Teve como objetivos específicos: analisar o comportamento de pessoas com síndrome de Down durante vivências de aulas de hip hop e salsa; analisar se os depoimentos dos alunos após a prática têm relação com os significados e características dessas danças; e verificar as dimensões identificadoras da dança a partir dos depoimentos dos alunos com síndrome de Down procurando dimensões culturais, sociais e de atitudinais. Participaram da pesquisa 08 pessoas, dentre elas, adolescentes e adultos com síndrome de Down com idades entre 12 e 32 anos que participaram de uma aula de hip-hop e uma aula de salsa. Após a atividade foi realizado um grupo focal, por meio de uma questão norteadora que teve como objetivo avaliar a compreensão dos alunos sobre a dança apresentada e foi utilizado um diário de campo verificando as reações dos participantes ao participar das aulas. Pudemos verificar que os participantes com síndrome de Down demonstraram alegria em participar da atividade, com movimentos e expressões corporais de acordo com o ritmo apresentado e que apresentam percepções singulares, mas adequadas sobre o significado das danças vivenciadas.

Palavra-chave: Síndrome de Down, Dança.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	7.
OBJETIVO DO ESTUDO	10.
CAMINHOS METODOLOGICOS	11.
CAPITULO 1 - SÍNDROME DE DOWN	13.
CAPITULO 2 – DANÇA: SEUS SIGNIFICADOS E A SÍNDROME DE DOWN.....	21.
CAPITULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES	28.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33.
REFERÊNCIA.....	34.

INTRODUÇÃO

A dança é gerada através de culturas variadas e sentimentos que são transmitidos para outras pessoas que a vivenciam, proporcionando emoções que podem influenciar na identidade dessa pessoa (FALSARELLA; AMORIM, 2008).

Em relação a sociedade a convivência e a interação dos integrantes que dela fazem parte, a dança aparece como o despertar do comportamento do homem contemporâneo, da ruptura dos meios de alienação constituídos durante sua formação. Segundo NANNI (2005, p.48):

No processo de formação do ser humano, a dança exerceria uma importância efetiva, porque, impossivelmente influencia no desenvolvimento de atitudes emocionais e na estruturação da identidade do homem, desencadeando a formação no sentido do singular. À formação do sentido “singularidade” compreende a construção do sentido de pessoa e a possibilidade de romper com o sentido do corpo social massificado, padronizado, estereotipado que, em síntese, veicula uma espécie de violência corporal, porque induz à exploração e dominação do mesmo.

A dança, além de ser uma prática corporal repleta de benefícios, muitas vezes carrega consigo uma história de um povo que a criou, onde os movimentos têm significados e sentidos que são marcados por meio de movimentos. Por exemplo o hip hop tem movimentos fortes pois vem de um povo que lutava por seus direitos, a dança do ventre tem movimentos suaves pois tem como marca a feminilidade, entre outros. (CORTES, 2000) apresenta danças populares brasileira como o Jongo, a Folia de Reis e o Calango Mineiro com suas origens e significados.

As danças populares são apresentadas em forma de movimentos que possuem significados que são resultados de movimentos sociais (CORTES, 2000). Esses significados não são apresentados de forma objetiva e clara durante a vivência da dança.

No meu segundo ano de faculdade entrei no laboratório de pesquisa Pro' amigo coordenado pela professora Vanessa Dalla Déa. Os graduandos que participaram desse laboratório ministraram aulas que envolviam práticas aquáticas (natação, hidroginástica), trabalhavam com idosos e também trabalhavam na inclusão de pessoas com deficiência física/intelectual.

Algum tempo depois um novo projeto estava sendo feito no Pr' amigo cujo nome era Dando Asas. O projeto dando asas foi criado para propiciar a vivência das pessoas com

Síndrome de Down em algumas modalidades (dança, natação, esportes), proporcionando saúde, ajudando no desenvolvimento psicomotor e na socialização e fazendo com que os mesmos experimentassem os espaços da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), englobando a integração coletiva. A coordenadora do laboratório me escalou para ser uma das monitoras do projeto, onde eu trabalharia dando aulas de dança para pessoas com síndrome de down.

Sendo escalada para ministrar as aulas, de imediato minha orientadora e coordenadora do projeto fez a proposta de desenvolver a monografia sobre dança com síndrome de Down, por ser uma nova experiência e pela pouca publicação na área a ideia foi consentida e no quinto período o trabalho começou a ser produzido.

O tema começou a ser desenvolvido a partir da dança, por ser uma área de grande afinidade e também pelo aprendizado adquirido na disciplina que trouxe uma motivação de entender como trabalhar e como aplicar didaticamente, considerando os diferentes públicos (idosos, pessoas com deficiência física e intelectual, crianças e outros).

A partir das características da dança e da vivência com os alunos do projeto Dando Asas com síndrome de Down que surgiu o problema de pesquisa desse estudo: Como as pessoas com síndrome de Down entendem os significados das danças populares vivenciadas?

Algumas pessoas com síndrome de Down possuem deficiência intelectual, no entanto são diferentes em suas capacidades cognitivas entre elas, algumas tem mais dificuldade de aprendizado e outras menos. Assim não é possível determinar exatamente qual o conhecimento de uma pessoa com síndrome de Down na adolescência sem que se conheça cada uma das condições e realidades (DALLA DÉA, DUARTE, 2009).

Em pesquisa no banco de dados Google Acadêmico não foi encontrado nenhum artigo que fale das percepções da pessoa com síndrome de Down sobre os significados da dança.

A proposta da pesquisa foi de ampliar compreensão de significados (sentimentos, gestos, expressões) na dança e mostrar que mesmo tendo uma dificuldade cognitiva os jovens com síndrome de Down conseguem ter suas percepções e compreensão através da prática vivida. Assim trazendo novas percepções da experiência com a dança e visualizando como a dança é significada para a população com SD.

Esse desafio é dedicar um estudo referente ao entendimento subjetivo da pessoa com síndrome de Down conscientizando a sociedade e os profissionais que atuam na área da educação, saúde e da arte que possam pensar na capacidade de compressão, tornando acessível a integração que faz parte de um caminho para inclusão (WERNECK, 1995).

O interesse pela temática apresentada do projeto monográfico surgiu do Projeto Dando Asas que proporcionava vivência das pessoas com síndrome de Down em algumas modalidades (dança, natação, esportes). A motivação surgiu de possibilitar outros profissionais da área entender que existem possibilidades de trabalhar a dança com diferentes públicos em especial as pessoas com síndrome de Down. Assim podendo também ajudar esses profissionais a lidar melhor com as pessoas com deficiência não as limitando em determinadas práticas, dentre elas a dança.

OBJETIVO DO ESTUDO

Compreender como os alunos com síndrome de Down atribuem os significados das danças populares vivenciadas.

Objetivos específicos

- Analisar as expressões de adolescentes com síndrome de Down durante as aulas de hip hop e salsa para eles;
- Analisar se os depoimentos dos alunos após a prática têm relação com os significados e sentidos dessas danças.
- Verificar as dimensões identificadoras da dança a partir das percepções dos adolescentes com síndrome de Down procurando dimensões culturais, sociais e de atitudes.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia usada para desenvolver o trabalho monográfico foi de uma abordagem qualitativa. Essa abordagem traz uma investigação de forma empírica, fazendo com que o pesquisador tenha uma aproximação com o objeto estudado. Os pesquisadores devem ter a compreensão do que está sendo verificado no ambiente em que ocorre os fatos, assim o pesquisador participa como principal agente de observação tendo como dever coletar dados e traduzir ações dos indivíduos pesquisados (GODOY, 1995).

Existe formas variadas e metodologias para coleta e análise dados qualitativos, para a pesquisa foi dada a preferência pelo grupo focal por ser executado em grupo facilitando a problematização da temática definida (BACKES *et al* LUNARDE, 2011).

É importante entender que o foco de quem faz a pesquisa qualitativa se deposita no processo e não somente no produto final ou nos dados coletados. Na investigação existe a preocupação de compreender a parte subjetiva do ser humano, ou seja, suas atitudes, ideias e emoções (GODOY, 1995).

Pelas suas características o Grupo focal possibilita que emoções sejam trazidas de forma espontânea. Para confirmar isso (BACKES *et al* LUNARDE, 2011, p.438) reforça:

O grupo focal representa uma fonte que intensifica o acesso às informações acerca de um fenômeno, seja pela possibilidade de gerar novas concepções ou pela análise e problematização de uma ideia em profundidade. Devolve-se a partir de uma perspectiva dialética, na qual o grupo possui objetivos comuns e seus participantes procuram abordá-los trabalhando como uma equipe[...].

Também utilizamos na coleta de dados a observação participante, pois percebemos que por meio do Grupo focal elementos não verbais não foram totalmente apresentados. Entende-se como observação participante:

Situação de pesquisa onde observador e observado encontram-se face a face, e onde o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem em dado projeto de estudos. (SERVA; JUNIOR, 1995, p. 25).

Juntamente com esse procedimento de pesquisa utilizamos o diário de campo para os registros. De acordo com Hess (2006), os diários constituem importantes instrumentos para a pesquisa pois podem captar percepções, eventos vividos, e também detalhes que emergem, que podem trazer reflexão sobre a prática. Dessa forma entendemos que esse olhar mais próximo e detalhado pode contribuir bastante a análise das percepções dos participantes.

Participaram da pesquisa 08 pessoas com síndrome de Down com idades entre 12 e 32 anos, que eram participantes do Projeto Dando Asas. O Projeto Dando Asas tem como objetivo a inclusão das pessoas com deficiência em práticas corporais, nele essas pessoas fazem atividades como musculação, praticas aquáticas e danças.

Segundo Dalla Déa, Pereira e Santander o Projeto Dando Asas:

[...] foi pensado para atender uma necessidade observada a cerca das práticas corporais oferecidas pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, que era a de incluir pessoas com deficiência nas práticas aquáticas, cumprindo desta forma, as exigências da extensão como uma das bases das instituições públicas de ensino superior e permitindo que a comunidade adentre os portões da universidade (DALLA DÉA; PEREIRA; SANTANDER, 2014, p.55).

A pesquisadora trabalhou com o grupo pesquisado durante todo um semestre com aulas variadas de dança, onde a observação da reação dos participantes aconteceu naturalmente.

A pesquisa foi desenvolvida, como dito anteriormente, por meio de um grupo focal, em que a pesquisadora utilizou de uma pergunta norteadora para avaliar a compreensão dos alunos sobre a dança apresentada. Sendo assim, ao final de cada vivência era realizada essa pergunta para os alunos. A pergunta em questão é a seguinte: “Gostaria que vocês me dissessem o que sentiram ao realizar a prática dessa dança e que dança é essa?”

Para melhor entender e discutir as variáveis dessa pesquisa utilizamos o diário de campo e realizamos uma pesquisa bibliográfica abordando as características da síndrome de Down e pressupostos sobre a dança e seus significados.

CAPITULO 1: SÍNDROME DE DOWN

A síndrome de Down é uma anomalia genética e conta com 15% de pessoas referente aos indivíduos com deficiência mental que participam de instituições destinadas para crianças especiais. Provavelmente, seu surgimento aconteceu há milênios, partindo de mudanças cromossômicas do ser humano (SERRÃO, 2006).

De acordo com a ciência a síndrome de Down pode apresentar restrição no desenvolvimento físico e intelectual. Porém, essas restrições não foram delimitadas, o que contribui para não subestimar o potencial das pessoas com síndrome de Down, pois, a partir das oportunidades é que se descobre as potencialidades do indivíduo. Assim deve ser oferecida estimulações precoces para possibilitar as pessoas com síndrome de Down a buscar de forma mais ampla de suas potencialidades (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009).

Por muitos anos denominações como acromicria congênita, criança inacabada, imbecilidade, cretinismo furfuráceo, idiotia mongoloide e outras formas de nomenclaturas foram usadas para se referir a pessoa com síndrome de Down (SILVA; DESSES, 2002).

Saber fazer colocações com o nome apropriado contribui de forma eficaz para o não preconceito pois se referir de forma errônea as pessoas com síndrome de Down pode produzir marcas internalizadas negativas que surgem através da falta de conhecimento. A partir da sociedade é que o indivíduo constrói sua autoestima e seu autoconceito, pois sofre influência das atitudes das pessoas com quem se tem uma convivência abstraindo atitudes e formas de pensamentos apresentados no dia- a- dia. Sabendo disso entende-se que com as pessoas com síndrome de Down tais influências atingem de uma forma que dificultam no seu desenvolvimento psicológico, trazendo impedimentos para os mesmos através de imagens negativas que a sociedade transmite (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009).

Um dos termos destinados as pessoas com síndrome de Down citados anteriormente foi originada em 1866, pelo cientista inglês John Langdon Down que replicou o pensamento da sua época. Ele percebeu que crianças britânicas pareciam com seus pais também britânicos, porém obtinham características que lembravam a pessoas da Mongólia (WERNECK, 1995). John Landown Down fez a descrição de uma forma mais compreensiva sendo atribuídas atualmente como referência da síndrome de Down (MUSTACCHI, 2000).

Em 1958, o francês Jerome Lejeune descobriu em uma pesquisa com pessoas com síndrome de Down que sua genética era diferente. Ao analisar seus cromossomos Lejeune

percebeu que havia um cromossomo a mais, ou seja, o ser humano tem 46, no entanto nas pessoas com síndrome de Down forma comprovadas 47 sendo o cromossomo a mais nomeado cromossomo 21(MUSTACCHI,2000; LIMA, 2010).

Para uma melhor compreensão de como ocorre a síndrome de Down primeiramente alguns detalhes biológicos e sobre a divisão celular devem ser explicadas.

Cada célula possui 46 cromossomos, sendo então em cada célula a existência de 23 pares de cromossomos (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009). O cromossomo tem a função de guardar nossa genética que é passada pelos antecedentes conforme os anos (WERNECK, 1995). Os cromossomos são constituídos por genes que se transforma do DNA conhecido também por ácido desoxirribonucleico. Os genes definem características físicas do ser humano, isso acontece nos 22 pares chamado de cromossomo autossomos, o material genético segue sendo o mesmo para ambos os sexos, porém par 23 é designado como par de cromossomos sexuais, assim, para meninas o ultimo gene para meninas é XX e em meninos XY. Portanto a célula que vai originar a criança deve conter 44 cromossomos autossomos e os dois últimos definir o sexo. O número de cromossomos na criança com síndrome de Down é diferente do habitual (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009). Na pessoa com síndrome de Down existe um cromossomo extra chamado de par 21 (WERNECK, 1995).

O indivíduo com síndrome de Down possui características dos pais e da alteração genética, ou seja, pelo fato de ter a síndrome não quer dizer que a crianças não possam ter traços de seus pais, lembrando que as características dos Down podem ser mais presentes em alguns indivíduos do que em outros (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009)

Alguns exames podem ser feitos para diagnosticar a síndrome podendo ser através de técnicas feitas na décima segunda semana utilizando a punção vilocoreal, e a outra na décima quarta semana pela amostra do líquido amniótico. Nos dois processos o exame cariotípico deve ser averiguado de uma forma mais precisa podendo achar possíveis erros metabólicos como também defeitos tuboneural. Tendo uma aparelhagem e um profissional especializado pode ser feito um estudo ultrassonográfico morfológico fetal que serve como auxilio de diagnostico (MUSTACCHI, 2000).

DALLA DÉA; BALDIN; DALLA D'ÉA, (2009) cita outros dois tipos de exame, a amniocente método usado no pré-natal executado através da punção transabdominal que necessita de uma quantidade do líquido amniótico que identifica o estado de saúde da criança. Esse exame deve ocorrer no período de 15 e 20 semanas do período da gestação e pode descobrir se existe uma malformação, identificação do sexo fetal, podendo aferir patologias relacionadas ao sexo. A outra se chama translucência nucal (TN) que pode ser examinado a

partir do líquido que se localiza na linfa extraído da nuca do feto podendo ser executado no período de três a quatro meses de gestação.

Existem três tipos de síndrome de Down: a Trissomia Simples, também chamada trissomia livre ou não disjunção (WERNECK, 1995); presente em 96% dos casos (WERNECK, 1995; SOARES; 2009). Esse tipo da síndrome se relaciona com a idade da mãe, a possibilidade de uma mãe com idade na faixa de 45 anos ter um filho com trissomia 21 é maior do que em uma com 30 anos. Em qualquer caso em possa ter uma bebê com síndrome de Down a idade da mãe sempre vai ser considerada, e depois confirmada por um exame cromossômico. A trissomia ocorre pela não disjunção durante a meiose, um acidente genético que acontece durante a constituição do gameta do cromossomo 21, provavelmente não aconteça com outros filhos do mesmo casal (MUSTACCHI, 2000).

Outro tipo de síndrome apresentada são as ocorridas por translocação igualmente a uma trissomia 21, ou seja, três cromossomos são pertencentes ao par 21 (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009). Nesses casos de translocação acontecem moderadamente através de mães jovens e normais. No entanto na avaliação do cariótipo dessas mães mostra que o cromossomo nº15 ou nº14. Todo processo ocorre quando o cromossomo que possui dois braços longos unidos por um centrômero e perde dois braços curtos. A genitora mesmo não tendo a síndrome pode gerar uma criança com síndrome de Down, o qual seu cariótipo um cromossomo do espermatozoide o nº 15 e dois cromossomos um da parte paterna e o outro da parte materna sendo eles o nº21/15 é herdado do óvulo (MUSTASHI, 2000), essa representação é chamada translocação equilibrada por não ter perda de material genética (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009).

O mosaïcismo é o terceiro tipo de síndrome de Down e ocorre em 2% dos casos, as suas células são trissômicas, existem células com 46 cromossomos e células trissômicas com 47 cromossomos (MUSTACCHI, 2000).

Uma das características presentes em todas as pessoas com síndrome de Down está a dificuldade cognitiva, existe uma demora geral no desenvolvimento, no entanto isso depende de cada indivíduo, ou seja, uns podem se desenvolver mais rápido que outros. Embora o QI dessas crianças seja classificado como abaixo da média, estudiosos reforçam a necessidade de focar nas realizações do dia a dia dos Down deixando de lado o comprometimento dos mesmos (SILVA; DESSEN, 2002).

Existem muitas críticas sobre o teste do QI pois ele se vincula somente ao grau de conhecimento acadêmico e não leva em considerações situações sociais. Muitas pessoas com QI auto não conseguem se interagir socialmente a contraponto pessoas de QI baixo se

sobressaem nessa mesma situação. Entretanto muitas crianças nas escolas são avaliadas pelo teste de QI, a maior parte da população tem o QI entre 70 e 130 vistos como normal, 3% tem QI 130 superiores, e 3% possuem a baixo de 70. As pessoas com deficiência mental são classificadas inferior a 70 (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009).

Para uma melhor aprendizagem a pessoa com Down precisa antecipar seu conhecimento juntamente com suas próprias capacidades (SOARES, 2009). Para isso o sujeito conta também com os ambientes de seu convívio, fazendo com que situações sociais desses ambientes possam contribuir na sua formação, esses espaços mostram que suas capacidades podem ser sujeitas a modificações (SILVA; DESSEN, 2002).

A avaliação do QI antiga incorporado na deficiência mental as crianças com Down estão classificadas com deficiência leve (QI entre 55 e 70) a moderada (QI entre 40 e 55). Entretanto pela falta de informação e pelas características faciais das Down a maioria das pessoas identificam-nas com deficiência mental profunda, essa informação é errônea pois 95% das Down nascem com déficit intelectual e somente 5% tem o desenvolvimento mais lento (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009).

Para as pessoas com síndrome de Down obterem um melhor desenvolvimento cognitivo alguns processos como a memória visual pode conseguir mais estímulos, melhorando a memória sensorial razoavelmente. Lembrando que para trabalhar a memória é necessária uma ordem de dificuldade do simples ao complexo, possibilitando uma memória, visual, auditiva, cenestésica e tátil. Outro processo é o pensamento, mesmo que os Down tenham uma dificuldade de se desprender do abstrato com os estímulos (forma, cor, posição) consegue chegar a uma forma mais concreta como números e letras, mas isso dependerá dos estímulos de cada criança, bem como o último processo o da aprendizagem que leva a questão de ampliar o aprendizado através de estímulos bem mais planejados (WERNEK, 1995).

Em relação a potencialidades das pessoas com síndrome de Down DALLA DÉA, BALDIN; DALLA DÉA (2009, p. 34) apresenta que:

Para que a criança, independentemente da síndrome de Down, desenvolva todo seu potencial mental, é necessário que se acredite que ela é capaz. Os autores da psicologia dizem que a expectativa dos adultos significativos influencia fortemente no sucesso deste. Sendo assim, é muito importante que não criemos uma ansiedade excessiva em cima de nossos filhos para não causar pressão psicológica, mas, ao mesmo tempo, acreditar em seu potencial o tornar mais forte e confiante para aprender. Muitas vezes a pessoa com deficiência mental enfrenta a incredibilidade dos que a cercam, mas, tendo o apoio da família, este fato não se tomará um obstáculo.

O desenvolvimento motor das crianças com síndrome de Down se diferem das crianças que não possuem a síndrome. Nesse contexto estímulos devem ser feitos precocemente, mas próprio para cada criança pois existem particularidades entre elas, em crianças que demoram a perder reflexos de recém-nascidos (que se pouco tempo após o nascimento) necessitam de exercícios inibitórios para progredir (WERNECK, 1995).

A hipotonia muscular dificulta o desenvolvimento motor de pessoas com síndrome de Down pela falta de tônus muscular, ou seja, deixa os músculos mais fracos. No entanto com o trabalho muscular esse problema pode ser resolvido fazendo com que haja uma percepção de corpo e movimento da criança. Além da hipotonia muscular tem as amplitudes nas articulações das crianças, fazendo com que essas duas características apresentem problemas articulares e instabilidade. Dessa maneira problemas ortopédicos podem ser causados dentre eles o pé plano ou chato e instabilidade no quadril (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009).

Existem características similares entre as crianças com síndrome de Down (SOARES, 2009). Dentre essas características físicas faciais estão as pregas epicânticas (dobras de pele encontra na parte interna dos olhos) fissura palpebral oblíqua (aparência oriental), orelhas pequenas com baixa implantação (baixa implantação seria a parte superior da orelha mais abaixo do que as pessoas sem a síndrome de Down), nariz pequeno, língua hipotônica, boca menor do que as pessoas sem a síndrome, dentes pequenos desorganizados devido ao formato do palato, cabelos finos e lisos, (algumas crianças podem ou não seguir os parâmetros familiares), prega palmar transversal (mãos pequenas e dedos grossos), nos pés existe sumo entre o dedo polegar e o indicador. O importante é lembrar que nem todas as crianças todas as características, cada uma possui algumas delas (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009).

As crianças com a síndrome de Down podem apresentar patologias que devem ser descobertas o mais cedo possível para um bom tratamento. Uma dessas doenças estão as doenças cardiovasculares. Entende-se que nas primeiras 8 semanas o coração começa a se desenvolver, e para saber da saúde do bebê os batimentos cardíacos devem ser acompanhados, quando o coração acelera significa que o bebê está bastante oxigenado e executando fielmente as suas funções (WERNECK, 1995).

De acordo com MUSTACCHI (2000) 40% das crianças tem doenças cardiovasculares, dentre essas doenças 40% são defeitos do canal atrioventricular, 32% problema na comunicação interventricular, comunicação interatrial 10%, tetralogia de Fallot com 6 %,

persistência do canal arterial 5%, 4% restantes são associados a outras malformações que quase não aparecem.

Alguns sintomas são apresentados quando a crianças com síndrome de Down tem alguma doença cardíaca, os esfriamentos de mãos, pés, dedos, ficando azuladas, cansaço contínuo, respiração exaustiva. Sem a criança obter esses sintomas é importante uma averiguação com exames de eletrocardiograma, raio-x e ecocardiograma servindo como prevenção. A criança que já apresentar esses problemas cardíacos, cuidados devem ser tomados imediatamente como cuidar para que não peguem infecções e evitar ações que aumente a pressão cardíaca (GIONGO; BALDIN; CANEDO, 2009). O importante é saber que os problemas cardiovasculares podem ser tratados com operação e frequentemente aos dois anos de idade (WERNECK, 1995).

Outros problemas presentes em 12% dos casos são ocasionados pelo aparelho gastrointestinal (GIONGO; BALDIN; CANEDO, 2009; WERNECK, 1995). A atresia duodenal, é a anomalia mais encontrada, a fístula traqueoesofágica, quando encontrada exige cirurgia. Outras doenças podem ser encontradas, como pâncreas anular, atresia anal, doença de Hirshsprung e estenose pilórica. Esses problemas são detectados pelos sintomas comuns sendo eles vômito, abdômen enrijecido, falta de evacuação e pneumonia (GIONGO; BALDIN; CANEDO, 2009).

Duas doenças do aparelho cardiorrespiratório acontecem em pessoas com síndrome de Down a asma em que existem poucos casos e a fibrose cística que age de forma conjunta quando a casos de alergia e diarreia (WERNECK, 1995).

Na faixa de 70% das crianças que possuem síndrome de Down tem miopia que atrapalha a ver objetos que estão longe da pessoa, 50% possuem estrabismo que atrapalham os olhos não deixando eles ficarem de forma paralela. Outra doença vigente como a catarata que prejudica a passagem de luz pelos olhos, a hipermetropia que atrapalha enxergar de perto, o astigmatismo que dificulta observar detalhes dos objetos, e impedimento dos ductos lacrimo nasais dentre outros problemas ligados. Todas essas patologias podem ser tratadas (GIONGO; BALDIN; CANEDO, 2009). A catarata uma das patologias citada acima pode ser retirada através de cirurgia garantindo uma visão quase normal com o uso de óculos (WERNECK, 1995).

A audição pode ter vários danos frequentemente apresentadas como leves a moderadas, pode ter infecções, acúmulo de secreção no ouvido médio. Exames devem ser feitos periodicamente pois o quadro clínico não é apresentado de forma aparente e talvez possa ter a necessidade de aparelho auditivo (GIONGO; BALDIN; CANEDO, 2009).

O hipotireoidismo é encontrado em 4% das crianças com síndrome de Down doença que atrapalha o hormônio tireoidianos. A incidência ocorre mais com jovens do sexo feminino, não recebendo o tratamento certo pode fazer com que o indivíduo engorde, seja lento e mais hipotônico. Exames anuais devem ser feitos para averiguar as dosagens de hormônios T3, T4 e TSH (WERNECK, 1995).

Entre problemas ortopédicos pode ser citado a articulação atlanto-axial, uma mudança entre a 1ª vertebra cervical e a atlas a 2ª (áxis em portadores da síndrome de Down (MUSTACCHI, 2000). Nas demais pessoas as distâncias entre essas articulações são de 4 milímetros, excedendo 5 milímetros elas não conseguem fazer a proteção da medula, por esse motivo algumas atividades físicas devem ser proibidas, pela instabilidade na hora da prática (WERNECK, 1995).

Pode constatar a instabilidade atlanto-axial aos 2 anos por uma radiografia e outros exames solicitados, se a situação for de auto risco o processo cirúrgico deve ser feito (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009).

MUSTACCHI (2000, p. 868) conclui que:

A primeira advertência que deve ser feita quanto ao problema das alterações morfológicas ou funcionais da articulação atlanto-axial no grupo Down, refere-se à educação, informação e conscientização de familiares e profissionais que optaram por dedicar-se ao aprimoramento de interação da população com síndrome de Down, tanto em instituições de ensino quanto de tratamento. Todos devem necessariamente conhecer os riscos, os sinais e a prevenção desse evento, que, infelizmente, ainda são desconhecidos por alguns profissionais da área médica [...] (MUSTACCHI, 2000, p.868).

Na ortodontia são encontradas bastante caries e doenças da gengiva. Na maioria dos casos as crianças utilizam de aparelho dental para correção do alinhamento dentário, além de terem a falta de alguns dentes e estes serem pequenos e crescimento mais lento (WERNCK, 1995).

No caso da leucemia um problema hematológico ocorre em 10% das pessoas com síndrome de Down, sendo detectada antecipadamente pode ser tratada e muita das vezes curada (GIONGO; BALDIN; CANEDO, 2009).

Uma das doenças do sistema nervoso é o mal de Alzheimer, adquirida pela maioria dos portadores da trissomia do 21. Essa doença, compromete mentalmente a pessoa fazendo com que ela perca a noção dos lugares e de tempo. Sabe-se que em famílias que existem casos de Alzheimer á casos de pessoas com síndrome de Down, por esse motivo testes devem ser feitos quando bebê para que possa ser tratado o mais rápido possível (WERNCK, 1995).

Por último é importante ressaltar a obesidade que acontece em 30% das crianças com síndrome de Down que pode gerar problemas em outras partes do corpo. Sabendo disso uma dieta deve sempre ser incorporada com ingestão de alimentos com fibras, e evitar gorduras das carnes, poucas raízes como mandioca, beterraba, sempre ingerir líquidos e fazer a atividade física regularmente (GIONGO; BALDIN; CANEDO, 2009).

CAPITULO 2 – DANÇA: SEUS SIGNIFICADOS E A SÍNDROME DE DOWN.

Uma das manifestações culturais mais antigas do homem está a dança, que se atentando as formas que o corpo reagia perante a sua formação física: músculos, articulação, e movimentação, despreendeu um processo natural de crescimento contínuo com modificações de suma importância social, política. Assim propiciou ao homem uma forma harmônica de equilíbrio, conduzindo para um gesto de sinceridade na constituição de seres participantes de uma sociedade (SAMPAIO, 2007).

As primeiras manifestações da dança apareceram na pré-história onde era possível ver nas pinturas das cavernas pessoas dançando. Em estudos arqueológicos foi identificado a ligação da dança com a religião, acredita-se que as duas se constituíram simultaneamente (FARO, 1998).

CAMINADA (1999) complementa que a dança aconteceu de uma forma natural, com movimentos fora de ordem mais que através da repetição se transformou em técnica, ou seja, a primeira técnica desenvolvia pelo ser humano.

Na idade média, a dança apresentada pela Índia e a China como forma de idolatria a deuses, onde os dançarinos usavam vestimentas com cor forte, e acessórios (máscaras) para representações marcantes, utilizando de um método que posteriormente seria passado para outras gerações (CAVASIN, 2003). As máscaras nessa época transpassavam a ideia do ser representado absorvendo suas características e podendo ser mais objetivo na representação (CAMINADA, 1999). Além disso, usavam a dança como agradecimento a colheita e outras particularidades de sua cultura, com o tempo acrobacias e efeitos de ilusão (mágicas) foram acrescentadas (CAVASIN, 2003).

A dança Grega surgiu na Creta segundo a história grega de Homero as danças foram ensinadas aos humanos pelos deuses, como forma de exaltação dos deuses e como meio de alegrar as pessoas. (BOURCIER, 2001).

O ideal de beleza seguido na época grega se estabelecia pela junção da dança e o esporte, as duas atividades eram trabalhadas desde criança para o desenvolvimento do soldado cidadão (CAMINADA, 1999).

CAVASIN (2003) reforça que na Grécia por existir o culto ao corpo a dança era feita de uma forma perfeccionista e voltada para o lado da educação, contribuindo para educar os jovens, tendo a música como contribuinte do despertar de sentimentos, um fator de benéfico para o desenvolvimento da educação.

Segundo CAMINADA (1999, p.69):

Na requintada Atenas, homem educado era aquele que, além de filosofia e política, também aprendia um instrumento, canto e dança; Sócrates, filósofo (cerca de 470-399 a.C.), Platão, filósofo (cerca de 427-327 a.C.), Xenofonte, (escritor cerca de 430-354 a.C.), e Aristóteles exaltaram a dança; ainda que não considerassem desejável para o cidadão, o exercício da dança dionisíaca, admitiam o seu efeito purificador, de catarse. Deuses, semideuses e heróis divinizados, com seus defeitos e qualidades, foram horados com danças e dançavam também.

A Igreja Católica Apostólica Romana em sua ascensão proibiu qualquer manifestação que fosse vista como pagã, com isto a dança como era ligada a outras religiões sumiu por um certo tempo (FARO,1998). Uma forma de atingir a dança na idade média foi através de interditos feitos pelos eclesiásticos, como “ o decretal do Papa Zacarias em 774 (em relação a gestos considerados impróprios aos olhos da igreja), (BOURCIER, 2001).

Do período pré-renascentista para o renascentista houve várias mudanças. Foi uma fase de grandes transformações sociais, política, e artística, a igreja se viu decair perante as ideias de individualismo. Por esse motivo a própria igreja pela real situação social e encurralada deixou que a dança voltasse a ser executada, no entanto essa decisão também tinha um significado econômico para igreja já que tinha criado a classe alta nessa época (CAMINADA, 1999).

Por fim, FARO (2004) na sua explicação sobre as três etapas da dança uma quarta que seria a ligação entre a parte folclórica e teatral a chamada dança de salão. A dança de salão é toda dança que é executada pela nobreza e que depois de algumas transformações vieram a ser a dança da elite.

Existem vários conceitos e compreensões sobre a dança que serão mostrados a seguir.

A dança é a conhecimento de formas do corpo em fase estática ou não estática, sendo produzida visando técnica e a beleza do movimento. Para executar a dança existe algumas particularidades que devem ser consideradas como base, execução, ritmos, movimentação, planos (médio, alto e baixo) e outros (NANNI, 1995).

Para desenvolver a dança é necessária uma constituição corporal que acontece de maneira gradual, sempre tendo algo novo que possa complementar ou acrescentar a dança. Nesse sentido a progressão na dança aumenta e conseqüentemente a constituição corporal de quem dança também (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008).

Considero dois aspectos da percepção corporal de uma pessoa “o esquema corporal que diz respeito a concepção neurológica e a imagem corporal relacionada ao psicológico” (FONSECA; VECCHI; GAMA, 2012).

A prática da dança é uma arte que pode ser vivenciada por quaisquer indivíduos. A perfeição corporal não é posta como beneficiária dessa arte pois para considerar o ato de dançar vem primeiramente a autenticidade dos movimentos do corpo (FLORES; BANKOFF, 2010).

Através dos movimentos da dança sentimentos são explorados e libertados, demonstrando sentidos e significados a partir somente por gestos, que podem dizer algo somente com o corpo (DANTAS, 1999).

A dança se concretiza quando o dançarino da vida aos movimentos, sobre essa questão KUNZ (2003, p.92) explica que:

A natureza do fenômeno criado em dança é estabelecida pelo corpo em movimento, que dá vida à uma forma dinâmica e única, o que faz com que essa natureza e suas estruturas inerentes sejam em cada experiência criadas e recriadas novamente. O fluir vivo e dinâmico que é a dança é um fenômeno que toma forma (aparece, vive) só quando o dançarino aparece e está implicitamente consciente de si mesmo e da forma através da qual se move [...].

Os desenvolvimentos da dança podem ser feitos a partir da permissão de quem a pratica deixando que os movimentos tomem conta do seu corpo para que exista uma desenvoltura social. A dança nesse sentido executada pelas crianças com síndrome de Down pode ser usada como prática pedagógica. (HERMES, 2016).

Considerando os fatores mencionados sobre o desenvolvimento corporal e todas carência e dificuldades dos portadores da síndrome de Down, conclui-se que os atributos da dança vêm a oferecer uma melhor estrutura corporal dos mesmos (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008).

Sobre estreitar as limitações das pessoas com Síndrome de Down LIMA (2010 p.32) de forma mais detalhada explica que:

Os efeitos da dança para o portador de Síndrome de Down diminuirão suas limitações principalmente no que diz respeito ao retardo mental, desenvolvimento motor, hipotonia, alterações na coluna cervical, obesidade, etc. No prazer da dança poderá surgir a busca do conhecido onde os portadores de síndrome de Down encontrarão seus rostos por meio de sensação que irá mostrar-lhes a outra face do desconhecido: o corpo como meio de comunicação e como um fator de experiência no seu dia a dia sem privar-se.

“A comunicação é um processo de interação no qual compartilhamos mensagens, ideias, sentimentos, emoções, podendo influenciar o comportamento das pessoas que, por sua vez, reagirão a partir de suas crenças, valores, história de vida cultura” (SILVA, *et al*, 2000 p.1).

Na dança existe a comunicação não verbal que representa toda forma apresentada por palavras, sempre coerente a ideia a ser passada. Os pontos significativos na linguagem não-verbal são utilizados como forma de adicionar, contrapor, e sobrepor a comunicação verbal, objetivando expressar emoções. Assim possibilita o sujeito a entender o sentimento do locutor da mensagem (ARAUJO; SILVA; PUGGINA, 2007).

Considerando essa particularidade de a linguagem da dança, a pessoa com síndrome de Down pode mostrar uma linguagem diferente, que trabalha com o corpo como uma fala mais gestual, porém cheia de princípios e atitudes (LIMA, 2010).

Além dos benefícios sociais a dança ampara os indivíduos com síndrome de Down a respeito da parte física, como o equilíbrio do corpo, melhorando a coordenação motora, consciência das atitudes do corpo, o espaço, e postura corporal (FLORES; BANKOF, 2010).

O aparelho locomotor deve ser precocemente trabalhado, em prol das pessoas com síndrome de Down para melhorar as delimitações dos seus movimentos. A prática da dança possibilita com que a motricidade possa ter uma evolução e com que a esquematização corporal possa ocorrer progressivamente e mais elaborada (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008).

NANNI (1995) destaca os parâmetros da dança, o corpo (sua preparação física), espaço (percepção do ambiente), movimento (relações anatômicas, movimentos das articulações, peso que seriam movimentos mais fortes mais enérgico), forma, (velocidade da execução, o ritmo, pausa, acento parte mais expressada, unidade o movimento progressivo do movimento dinâmico), ritmo (forma distribuída da velocidade com que a dança é executada).

Mesmo tendo as suas particularidades a dança não deve ser baseada na sua técnica, pois a técnica deve beneficiar no aprendizado, de uma forma mais aberta podendo ser mais explorada em todas as suas dimensões (FONSECA; VECCHI; GAMA, 2012).

O vínculo do ser humano com a dança tem estímulos individual, que funcionam de acordo com sua subjetividade e vida social. Os significados da dança são absorvidos levando em consideração o conhecimento histórico da dança e por seguinte o indivíduo cria o significado para ele mesmo (KUNZ, 2003).

A dança é importante para os indivíduos com síndrome de Down e representa a arte sempre entrelaçada com a vida ultrapassando o preconceito das delimitações das pessoas com deficiência de não se locomover, pois à uma grande importância, por que a dança se associa a dança desenvolvendo seu corpo para o espaço escolar e autonomia (LIMA, 2010).

Dois tipos de dança foram executadas nesse trabalho, danças que se formaram através da cultura popular, o hip-hop e a salsa, (uma modalidade da dança de salão) que serão apresentados a seguir.

A dança de salão surgiu das danças populares e foram conforme o tempo forma se modificando a partir do maestro de dança (professor) e ficando cada vez com execução mais fechadas que se adequavam ao refinamento da classe alta trazendo assim a separação no nobre para as classes pobres (CAMINADA, 1999).

A dança popular está inserida na cultura popular.

Segundo BRAGA (2012, p. 7)

O conceito de cultura popular depreende-se de lugares e de épocas determinadas. Considero ainda sugestivo partir da ideia de fronteiras nacionais e de segmentos sociais com interesses difusos, enquanto referenciais para descrição e análise de manifestações populares. Assim, pode-se falar de culturas populares brasileiras, portuguesas e de outras mais. De natureza híbrida ou mestiça, de *bricolage* resultante de empréstimos e trocas levadas ao infinito, mas sempre trocas, alternâncias de um erudito que pode virar popular e vice-versa dependendo do compromisso de tais práticas culturais com uma tempo e lugar.

Para que essa cultura seja perpetuada deve haver um interesse de perpetuar os saberes de um povo que se manifesta pela arte e sua eterna historicidade. Sendo assim fazendo com que a cultura seja preservada pelo comprometimento de todos, conservando crenças que representam e identificam características e a história de um povo (BONETTI, 2011).

A dança tem uma parte especial na cultura popular e levando em consideração que ela pode se refazer é importante se preocupar com expressões dessa cultura que podem ser quase esquecidas. Lembrando que a cultura popular pode ser representada como “coisa do povo” algo constituído principalmente pelas classes populares, assim a cultura popular se posiciona como parte significativa para a formação do ser humano (BRASILEIRO, 2010).

A cultura popular é conhecida como o conhecimento do povo, seus saberes são executados de forma desconhecida ou em conjunto não se fixando somente a uma ideia. Essa cultura pode ser visualizada e respeitada através de sua historicidade e de outras formas como princípio da tradição artística (BONETTI, 2011).

A cultura é uma junção de vários elementos que conforme o tempo se transforma e se recria de acordo com as pessoas se apoderam dela, suas atitudes seu convívio muitas particularidades propiciem mudanças no meio cultural, ou seja, a cultura não é fixa e pode ser modificada (MAGNANI, 1998).

A salsa também é uma dança que veio do meio popular como citado anteriormente ela faz parte da dança de salão. Essa dança é praticada por pares e vem de origem popular

realizadas em salões e festividades com a finalidade de divertir e descontrair os praticantes (ROCHA, 2017).

As origens das primeiras danças de salão foram na Europa, praticadas pelas classes menos favorecidas em suas reuniões festivas. Por seguinte foram levadas por dançarinos e mestres de baile para a nobreza, e modificadas para serem dançar em comemorações e posteriormente usa-las como parte da educação dos nobres (TONELLI, 2007).

A dança de salão pode ser integrada a educação pois a partir da sua execução sentimentos são expressados fazendo o indivíduo descobrir seu próprio corpo, usando da linguagem corporal como forma de se posicionar perante a realidade em que vive (ROCHA, 2007).

A dança de salão é executada a dois contribuindo para uma formação mútua, se movimentar na presença de outra pessoa usando das particularidades da dança escolhida, e juntando o físico com o prazer do momento. A partir do encontro de sentimentos entre o casal acontece o encontro individual, sendo assim problemáticas relacionadas a timidez e relações pessoais com outras pessoas podem ser reparadas, além do mais existe nessa relação o respeito e companheirismo que fazem do casal no momento da dança seres únicos (FONSECA; VECCHI; GAMA, 2012).

Entre as danças de salão estão as latinas representada pela salsa que de acordo com (Rondom apud ALLEONI, 2010, p.3):

A salsa, por exemplo, cujo significado da palavra de origem espanhola é “molho”, ou seja, uma mistura de diversas substâncias para condimentar a comida, mas que foi utilizada no sentido de “condimentos musicais”, construídos pelo “son Cubano” (som cubano). Este ritmo nasceu nos campos do oriente cubano na segunda metade do século XVIII, a partir da interação entre os povos hispânicos, franceses e africanos.

Como a salsa é considerada latina é importante saber que as danças latinas se diferenciam quanto as europeias nas vestimentas, nos movimentos, na postura mudando as posições durante a dança, traz também a elegância seguidas de movimentos precisos sempre com contato visual (RIED, 2003, p.107).

Houve várias transformações da salsa em relação a sua música, porém sempre tomando cuidado para não mudar algumas particularidades do estilo (ALLEONI, 2010). Sendo uma dança muito conhecida e que usa muito da sensualidade do dançarino.

O Hip-Hop surgiu mais ou menos nos anos de 1960/1970 nos Estados Unidos, esse período foi marcado por transformações sociais, entre elas estava a busca por direitos e igualdades dos negros e imigrantes. Nesse contexto de luta o Hip-Hop nasce através de uma

junção de culturas. O número de imigrantes nessa época aumentou cada vez mais, espalhando gangues. Para que houvesse menos conflitos entre essas gangues foram criadas festas cujo o nome se dava por *soud-system*, dessas festas surge o HIP- HOP (OLIVEIRA, 2009-210).

Segundo (OLIVEIRA, 2009-210, p.77) “O Hip (quadris) Hop (mexer, saltar) nasce como uma cultura política negra tendo o corpo como elemento central. Isto é, os corpos que eram vistos como potenciais criminosos pelo discurso conservador passam a criar uma nova forma de viver na metrópole”.

O Hip-Hop existe sobe quatro divisões: o MC que canta as músicas, o DJ que cuida das músicas, fazendo misturas musicais batidas usando vinil e CD, o break a dança cujo seus participantes (dançarinos) são chamados de B. boy e B. girl e por último o grafite (BIG RICHARD apud SOUZA, 2007).

Para o presente trabalho a terceira característica vai ser mais aprofundada no caso o break. Essa dança bem popular conhecida em uma alta proporção, chama muita atenção por causa da sua execução de passos audaciosos (acrobacias) e atraentes. Apareceu nos anos 60, como forma de representação dos jovens norte – americanos menos favorecidos dos acontecimentos ocorridos com jovens soldados que lutavam na guerra do Vietnã (DIOGENÉS apud SOUZA).

O break é dançado em batalhas, segundo OLIVEIRA (2009-2010, p. 91):

Nas batalhas de *Break*, cria-se uma arena de disputa da performance do corpo que mais empolgue o público e infle o ego de um grupo ou indivíduo. A luta simbólica tida aqui como celebração e descontração nos risos das pessoas da roda de *break* acaba em alguns casos se direcionando para a violência física. Em nossa investigação, percebemos que este fato busca ser combatido pelos *b-boys* mais velhos que profissionalizam com esta dança. Todavia, isso ainda ocorre, principalmente em batalhas de break com prêmios [...]

Uma das características mais vistas do break são os passos de chão, mas outras danças podem ser executadas um exemplo disso é o lockin’g e o popin’g. O lockin’g é caracterizado por movimentação de braços em forma de círculo usando gestos de indicar pode ser dançado por duplas e em grandes grupos. O popin’g já exige de movimentos mais rígidos mais caracterizado pela dança que parece um “robô” (ALVES apud STOPPA, 2005).

CAPITULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.

Ao convidarmos os alunos para as aulas de dança que compõem essa pesquisa notamos que eles aceitaram prontamente e com alegria, como aconteceu durante todas as aulas de dança no Projeto Dando Asas. Pode-se verificar no momento da aula que os alunos participaram de toda a aula, sem que nenhum desistisse ou demonstrasse não estar gostando.

Através das observações da aula concluímos que o fator que propicia a participação total nas aulas se refere aos benefícios da dança que além de contribuir para o bem-estar físico, proporcionando saúde e habilidade nos movimentos funcionais, ajuda também a auto estima, desenvolvendo a autonomia e o relacionamento entre as pessoas, fazendo com que elas possam abstrair de circunstâncias que resultem da autovalorização e a autoconfiança.

Para (BRANDER, 2000, p. 9) a autoestima:

[...] tem dois componentes: o sentimento de competência pessoal e o sentimento de valor pessoal. Em outras palavras, a auto-estima é a soma da autoconfiança com o auto-respeito. Ela reflete o julgamento implícito da nossa capacidade de lidar com os desafios da vida (entender e dominar os problemas) e o direito de ser feliz (respeitar e defender os próprios interesses e necessidades).

Assim a dança para os participantes representa um estado de alegria e engrandecimento sobre seus interesses pessoais, fazendo deles naquele momento seres independentes e confiantes pois o poder participar efetivamente da prática de uma forma ativa proporciona essas características pessoais.

Inicialmente os alunos começaram dizendo se gostaram ou não das danças. Quando perguntado se gostaram de participar da aula de Hip-hop pudemos observar que 06 participantes disseram que gostaram de participar, uma participante disse gostar muito e apenas uma participante não respondeu adequadamente a questão, pois quase todas as discussões ela mostrou não estar disposta a participar dizendo sempre a frase “To fora”.

O break para ser dançado, usa de criatividade individual, onde quem dança busca de subsídios cotidianos e midiáticos como inspiração priorizando movimentos livres que de forma aleatória contribuem para o espetáculo da dança (ADÃO, 2006).

Os movimentos aleatórios no mundo da dança são conhecidos como improvisação que engloba o dançarino e seu corpo e gestos que através da movimentação são conduzidos de uma forma que contribui para a performance, possibilitando construções de novas perspectivas de cena. Para obter o processo de criação, o poder do conhecimento do corpo

dançante deve ser abstraído, como, o que ele pode fazer, o nível de execução; e posteriormente usar da improvisação como forma de libertação dos movimentos do corpo, aproveitando a capacidade corporal fazendo junções desses movimentos para a finalização da dança escolhida (SANTINO; OLIVEIRA, 2013).

Conforme apresentados pelos autores compreendemos que a satisfação o gostar dos participantes da pesquisa ocorreu devido a particularidades da dança apresentada que usa de criatividade individual e que traz a improvisação como forma mais dinâmica de execução. Assim para as pessoas com síndrome de Down significa dançar de forma mais prazerosa pois ao fazerem seus próprios movimentos junto as características da dança apresentada se tornam parte de um espetáculo em que os sentimentos são despertados principalmente de satisfação e alegria

Ao reforçar a segunda parte da questão norteadora que diz “que me digam qual dança vocês acham que é essa” como estávamos todos juntos em um círculo, houve um dos participantes que acertou que era Hip hop, outro também mostrou conhecer dizendo que era dança de rua. Pode se verificar que os demais concordaram com as respostas dos colegas.

Ao fazer a pratica percebe-se que os participantes com síndrome de Down fazem movimentos fortes durante o Hip hop e muitas vezes fazem gestos e expressões faciais de bravos e sérios, mostrando expressões corporais que estão de acordo com as características e história do Hip hop.

Segundo (MIRANDA; CURY, 2010) existem danças que fazem parte do movimento hip-hop: a dança de rua e o Street Dance que pode ser representado pelo Break. Por esse motivo um dos participantes citou que a dança executada era dança de rua.

Em relação ao sentimento vivido após a dança todos os participantes relataram estarem felizes, e um dos participantes complementou que estava feliz porque gostava muito de dançar. Seis participantes demonstraram o interesse de dançar novamente, dois não se mantiveram calado, porém não se expressaram ao contrário.

Para discursar sobre o sentimento apresentado pelos participantes adquirimos o significado de bem-estar, que tem vários conceitos, mas que utilizaremos da ideia de Diener. (DIENER apud GIACONOMI, 2014), sugere três aspectos relacionados ao bem-estar: o bem-estar subjetivo, o bem-estar que não desconsidere condições negativas e por último que compreende o bem-estar de uma forma mais completa da vida.

Considerando o primeiro conceito que se trata de algo mais individual, ou seja, sentimento compreendido somente pelo sujeito, reforçamos sobre a autoestima citada anteriormente, pois a autoestima que em maior proporção na vida dos indivíduos ajuda na

superação de problemas vividos, trazendo junto a criatividade, a construção de relações mais prazerosas, tratando com cordialidade e respeito as pessoas de convívio diário e colabora para que o estado de alegria seja algo simples como simplesmente existir e viver (BRANDEN, 2000).

Tendo a auto estima como base pudemos perceber que se ao praticar a dança os participantes sentiram felicidade, que traz alta estima e conseqüentemente possibilita todos esses benefícios, mostra que a dança pode facilitar a pessoa com síndrome de Down a constituir uma personalidade que ajuda na relação pessoal e com outras pessoas que fazem parte da sua vida, fazendo com que possam ser mais participativos nas relações sociais.

A segunda dança praticada na aula foi a salsa em relação a essa dança seis participantes disseram que gostaram muito, uma das participantes disse que gostou e que gostava de todas as danças, outra participante não respondeu nada. Enquanto alguns respondiam sobre o gosto da dança outros falaram de gostos pessoais de dança como o samba e o carnaval.

Podemos perceber nesse caso que as personalidades dos participantes são expostas a partir do momento em que eles falam de seus gostos pessoais.

De acordo com (GONZALEZ REY apud AMARAL) a personalidade faz parte da subjetividade do indivíduo que se apresenta a partir das situações sociais e pessoais. Nesse ponto podemos perceber que o indivíduo se torna parte central no que diz respeito às suas relações sociais onde a vida de um sujeito se difere a outros.

Podemos perceber que os participantes gostaram de dançar a salsa, mas demonstraram seus gostos pessoais no momento das suas falas citando seus ritmos favoritos. Dessa forma podemos entender que as pessoas com síndrome de Down também possuem gostos pessoais e que essas preferências são abstraídas pela vivência de cada um, sendo expressados no momento em que associaram a prática da dança com seus saberes favoritos.

Referindo novamente sobre a pergunta norteadora sobre que se os participantes conheciam a dança apresentada três participantes falaram que não sabiam, dois não responderam, um participante falou que era bolero, uma falou que era o Gustavo Lima, e outra participante falou que era zumba.

A zumba é uma dança que surgiu das influenciada pelas danças latinas. Essa dança é constituída por músicas latinas e internacionais. As aulas são compostas por ritmos que são mudados a todo instante trazendo aos praticantes um ambiente divertido, diversificado e dinâmico e motivador (INSTRUTOR BASIC 1).

No treinamento basic 1 da zumba são apresentados quatro elementos principais: Cumbia, Merengue, Reggaeton e Salsa. A aula dura na faixa de 40 a 60 minutos sendo constituída do mesmo modo de uma aula de ginástica considerando a parte principal e relevando o aquecimento e relaxamento (MOREIRA, 2016).

Por base da descrição da zumba podemos perceber que um dos participantes associou a salsa com a modalidade zumba que se encontra geralmente em academias, isso ocorre pelas danças latinas apresentadas na zumba, em principal a salsa, uma dança que surgiu de misturas culturais e de países como África, Porto Rico e Cuba (INSTRUTOR BASIC1).

O participante que respondeu bolero fez a mesma associação da participante que respondeu zumba. Essa conexão se deu pela origem do bolero que apareceu em Cuba, ou seja, vem de origens latinas. O estilo musical do bolero surgiu na Espanha, em seguida chegou no México e Cuba. Na passagem por esses países sofreu algumas transformações e no momento presente se concretiza fortemente como ritmo musical e dança. Lembrando que o bolero influenciou outras danças dentre elas o mambo e a salsa (SIQUEIRA, 2009).

Sobre os sentimentos após a salsa foi o de felicidade alguns participantes disseram que se sentiram felizes, dois não responderam, e apenas um participante disse que se sentiu cansado. E todos mostraram o interesse de dançar novamente. Em um momento dessas falas um dos participantes disse que a dança tinha muita sensualidade.

A dança é usada como sedução através do corpo trazendo o encanto através de seus movimentos para seduzir e ser seduzido (SILVA, 2010). Podemos dizer então que a sensualidade parte da dança produzidas através de movimentos que despertam os olhares dos outros e o despertar do amor próprio e a confiança de quem está dançando.

A sensualidade foi apresentada pela participante, mostra que o significado sedutor da salsa foi percebido e que a pessoas em questão conseguiu identifica-la e transpassar a sensualidade durante a dança.

Quando um dos participantes respondeu que se sentiu cansado, percebemos que quando começaram a discutir sobre o que estavam sentindo através da dança, sentido nessa pesquisa estabelecidos pelos sentimentos o participante entendeu sobre outro aspecto, levando para o lado do estado físico que sentia no momento.

Segundo (DALLA DÉA; BALDIN; DALLA DÉA, 2009) a forma de aprendizado, o desenvolvimento intelectual e motor acontece de maneira individual, ou seja, cada pessoa com síndrome de Down compreende de uma forma ou aprende em um determinado tempo.

Verificamos que esse participante apresenta respostas confusas não conseguindo responder ao que foi proposta e a forma de compressão dos significados das palavras foi

diferente perante ao objetivo da pesquisa, o que não foi percebido com os demais que responderam com o sentido esperado.

No momento de dançar a salsa os participantes foram colocados para dançar em duplas devido a dança ser representada pela dança de salão. No momento de fala dos participantes, suas respostas demonstraram o interesse total de todos em dançar a dois. Temos que lembrar que os participantes dessa pesquisa são adolescentes e adultos, que a deficiência intelectual não os tira o fato de estarem nessa fase e de terem sentido no ritmo da dança proposta a sensualidade que esta trás. Pudemos sentir no momento da atividade que, principalmente os casais de namorados, expressaram-se no momento da dança de acordo com o significado da salsa que é de sedução e sensualidade.

Na dança de salão existem tipos diferentes de casais que se comportam de maneiras diferenciadas. Essas diferenças são em relação a faixa etária tendo pessoas mais nova dançando com pessoas mais velhas, e em algumas vezes de uma forma mais íntima flertando entre si (SIQUEIRA, 2009). A dança pode contribuir para a socialização, podendo ser dançada independente da faixa etária (FONSECA; VECCHI; GAMA, 2012).

No grupo de pessoas com síndrome de Down pesquisado existem alguns casais de namorados o que indica a preferência pela dança a dois, além do mais é visível o afeto para com o próximo entre o grupo, todos os movimentos em que se tocam ou tenham contato visual tornam para eles mais prazeroso nesse caso propicia na socialização do grupo.

A dança colabora no comportamento de indivíduos em performances criativas, concretizada respeitando as fronteiras de conhecimento das pessoas com síndrome de Down (MAIA; BOFF, 2008).

Constata-se também que o processo de aprendizado da dança com a pessoa com síndrome de Down realmente é mais lento, por isso a paciência do professor deve ser primordial. Mas tirando esse fator não a diferença no aprendizado, pois a contribuição utilizada pelo ministrante não é desigual a aulas habituais (SILVA; ZAWADZKI, 2014).

Uma observação de grande valia é da participante mais ativa na pesquisa que já pratica dança a mais tempo que os demais. No entanto a dança que pratica é a dança do ventre que tem características diferentes das danças propostas nessa pesquisa, assim sua experiência pode ter colaborado para que tenha uma percepção mais aguçada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da pesquisa compreendi que as pessoas com síndrome de Down interpretam os significados das danças populares vivenciadas a partir de experiências vividas e através de associações com danças apresentadas durante suas atividades diárias.

Observei que seus comportamentos durante as aulas de hip hop e salsa foram ativos em todos os momentos demonstrando espontaneidade, interação e expressividade entre si. Diante disso entendi que a dança propicia uma experiência prazerosa, estimula aspectos psicossociais possibilitando as pessoas com síndrome de Down a serem mais ativas. Com esses comportamentos notei que existe uma ressignificação do entendimento e da percepção dos benefícios da dança ao se trabalhar com esse público, uma vez que o que foi transmitido por meio dos movimentos e improvisos mostrou total despreendimento ao que se refere aos padrões de danças existentes na sociedade e até aos padrões que eram esperados do experimento, isso se deu pelo motivo dos movimentos terem sido feitos pela percepção dos corpos dançantes.

Notamos, nas respostas após a prática, que as danças apresentadas para as pessoas com síndrome de Down despertaram sentimentos e sentidos pessoais que ajudaram a caracterização das danças. Pudemos vivenciar que a percepção que as pessoas com síndrome de Down tiveram está de acordo com as características da dança que lhes foi apresentado, por uma questão histórica e até de construção pessoal onde muitos deles assemelharam as danças a algum tipo de ritmo ou estilo que já esteve presente ou até mesmo foi inserido no seu cotidiano durante a construção da personalidade e vida de cada um. Notei assim, que os significados históricos e culturais da dança se justificaram no momento em que houve a junção de características e memórias para a criação de um conceito sobre o estilo e movimento que era proposto.

Sabemos que muitas vezes as pessoas subestimam as percepções das pessoas com deficiência intelectual e com síndrome de Down, sendo que muitas vezes não possuem a oportunidade de expressar, devido a dúvida da capacidade de expressão dessas pessoas.

Esse estudo mostra que as pessoas com síndrome de Down possuem a capacidade de participar de práticas de danças populares e que também são capazes de realizar percepções adequadas sobre características dessas danças.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ADÃO, S. R. **Movimento hip-hop: visibilidade do adolescente negro no espaço escolar.** 92f. Dissertação. Universidade de Santa Catarina. Centro de Ciência e Educação, 2006.

ALLEONI, B. N. **A manifestação corporal capoeira: uma cultura nacional brasileira.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. v. 9 n.1 p. 24-31. 2010.

ARAÚJO, M. M. T; SILVA, M. J. P; PUGGINA, A.C.G. **A comunicação não-verbal enquanto fator iatrogênico.** Revista Esc Enferm USP; -41(3), p.419-25,2007.
Rev Esc Enferm USP 2007; 41(3):419-25. www.ee.usp.br/reeusp/

AMARAL, A. L. S. N. **O sentido objetivo da aprendizagem para alunos universitários criativos.** 190f. Dissertação. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação, 2006.

BRANDEN, N. **Auto- estima: como aprender a gostar de si mesmo.** Ed. 35ª. São Paulo: Saraiva, 2000.

BACKES, D. S; COLOMÉ, J. S; ERDMANN, R.H; LUNARDI, V. L. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.** O mundo da saúde. São Paulo. 35(4), p.438-442, 2011.

BRAGA, S. I. G. **Culturas Populares em Meio Urbano.** ed. 22. Manaus: Edua, 2012.

BRASILEIRO, L.T. **A Dança é uma Manifestação Artística que tem Presença Marcante na Cultura Popular Brasileira.** Pro- Posições. Campinas, v.21, n.3, p.135-153, 2010.

BONETTI, M.C.F. Sabedoria Popular: a dança e as novas tendências da educação. In: **O Ensino de Dança no Mundo Contemporâneo: Definições, Possibilidades e Experiências.** Goiânia. Kelps, 2011.

BOURCIER, P. **História da Dança no Ocidente.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMINADA, E. **História da Dança: evolução cultural.** Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

CAVASIN, R. C. **A Dança na Aprendizagem**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Santa Catarina, V. 3, agosto/dezembro, 2003.

FARO, A. J. **Pequena História da Dança**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CORTÊS, G. P. **Dança, Brasil!: Festas de danças populares**. Belo Horizonte, Ed. Leitura, 2000.

DALLA DÉA, V. H. S; DUARTE, E. **Síndrome de Down: Informações, caminhos e histórias de amor**. São Paulo: Phorte, 2009.

DALLA DÉA, V. H. S; BALDIN, A. D; DALLA DÉA, V. P. B. **Informações gerais sobre a síndrome de Down. In: Síndrome de Down: Informações, caminhos e histórias de amor**. São Paulo: Phorte, 2009.

DANTAS, M. **Dança: o enigma do movimento**. 1ª ed. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 1999.

ESTOPPA, E. A. **“Tá ligado mano”: o hip-hop como lazer e busca da cidadania**. 143 f. Tese de doutorado- Pós- Graduação da Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

FARO, A. J. **Pequena História da Dança**. Rio de Janeiro: Jorge saha, 1998.

FURLAN, S; MOREIRA, V.A.V; RODRIGUES, G.M. **Esquema corporal entre indivíduos com síndrome de Down: uma análise através da dança**. Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, v.7, n.3, p. 235-243, 2008.

FONSECA, C.C; VECCHI, R. L; GAMA, E. F. **A influência da dança de salão na percepção corporal**. Motriz, Rio Claro, v.18, n.1, p.200-207, jan./mar, 2012.

FLORES, M.I; BANKOFF, A.D.P. **Influência da dança expressiva sobre o equilíbrio corporal em portadores com síndrome de Down**. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Campinas, v.8, n.3, p.35-46, set/dez, 2010.

GIACOMONI, C.H. **Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida.** Periódicos Eletrônicos em Psicologia Pepcicx Porto Alegre, v.12, n.1, p. 43-50, 2004.

GIONGO, R. C; BALDIN, A. D; CANEDO, P. M. dos R. Possíveis patologias da criança com síndrome de Down. In: **Síndrome de Down: Informações, caminhos e histórias de amor.** São Paulo: Phorte, 2009.

GODOY, A.S. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais.** Revista de administração de empresas. São Paulo/Rio claro, v.35, n.3, p.20-29, maio/jun, 1995.

HERMES, L.C.L. **A dança como prática pedagógica na educação infantil com crianças com síndrome de Down.** Universidade do estado de Mato Grosso, v.7, n.3, p.1205-1218, ago/dez,1016.

HESS, R. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

KUNZ, M. C. S. **Dança e Gênero na Escola: formas de ser e viver mediadas pela educação e estética.** 421f. Dissertação. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana, 2003.

LIMA, A. P. R. **Dança para Síndrome de Down: uma análise dos benefícios da dança para os portadores de síndrome de Down.** 53f. Curso de especialização em promoção da saúde. Universidade de Brasília UNB. Faculdade de ciência da saúde, 2010.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade.** 2ª ed. São Paulo: Hucutec, 1998.

MIRANDA, R.M.R; CURY, V.E. **Dançar o adolescer: estudo fenomenológico com um grupo de dança de rua em uma escola.** Revista scielo. Campinas/São Paulo, v.20, n.47, p.391-400, set-dez, 2010. Disponível em: www.scielo.br/paideia. Acesso: 06/05/2017

MAIA, A.V; BOFF, S.R. **A influência da dança no desenvolvimento da coordenação motora em crianças com síndrome Down.** Revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP. Campinas/São Paulo, v.6, Ed. Especial, p.144-154, jul, 2008.

MOREIRA, A. T. R. Aproximações ou Distanciamentos com a Dança a Partir da Concepção, Objetivos e Estrutura da Aula de zumba. 22f. Monografia. Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Ciências, 2016.

MIRANDA, R. M. R; CURY, Vera Engler. **Dançar o adolescer: estudo fenomenológico com um grupo de dança de rua em uma escola** Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, **Paidéia**, 20(47), 391-400. Disponível em: www.scielo.br/paideia. Acesso: 05/05/2017

NANNI, D. **O Ensino da dança na estruturação/expansão da consciência corporal e da autoestima do estudante.** Fitness e performance jornal. Rio de Janeiro, v.4 n.1 p. 45-57. 2005.

NANNI, D. **Dança Educação: Princípios, Métodos e Técnicas. 2ª.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

OLIVEIRA, D.A. **Hip-hop e Territorialidades Urbanas: uma construção social de sujeitos das “periferias”.** Cadernos Pinesb-Periódicos do Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira- FEUFF. Rio de Janeiro/Niterói, V., n.11, p.71-113, 2009/2010.

RIED, B. **Fundamentos de Dança de Salão.** Londrina: ISBN, 2003.

ROCHA, M. D. **Dança de salão, instrumento para a qualidade de vida.** Movimento & Percepção. Espirito Santo do Pinhal, São Paulo, v.7 n. 10 p. 76-89. Jan/jun, 2007.

SAMPAIO, L. **Improvisação, Estudo e Reflexão.** revista Eletrônica Aboré- Pulicação da Escola Superior de Artes e Turismo – Ed.03/2007.

SERVA, M.; JAIME JR, P. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.1, p.64-79, mai/jun 1995

SOARES, E. T. **O processo ensino – Aprendizagem da escrita para crianças com síndrome de Down.** 66 f. Monografia- Pós- Graduação em Supervisão Escolar. Universidade Candido Mendes, 2009.

SILVA, L. M. G; BRASIL, V. V; HELOÍSA, C. Q. C. P. G; SAVONITTI, B. H. R. A. **Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal.** Revista latino-am.enfermagem. Ribeirão Preto, v.8, n.4, p.52-58, agosto, 2000.

SERRÃO, M. C. P. M. **Síndrome de Down: uma abordagem psicossocial.** 86f. Programa de Pós-Graduação de Enfermagem em Saúde Pública. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências da Saúde, 2006.

SANTINHO, G. D. N. S; OLIVEIRA, C. M. **Improvisação em Dança.** Ed.792..62. Guarapuava: Unicentro, 2013.

SOUZA, R. M.V; CARACRISTI, M.F. **Cultura hip-hop. Identidade e sociabilidade: estudo de caso do movimento em Palmas.** In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. *Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, Santos, 2007.

SIQUEIRA, M. D. **“Quem convida é a mulher” Experiências Femininas e subversão nos bailes de Dança de Salão.** 112f. Dissertação. Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciências Sociais, 2009.

SILVA, K. A. **A sensualidade feminina nos poemas de Vinícius de Moraes.** 21f. Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades Campus III, 2010.

SILVA, P. C. M. ZAWADZKI, P. **A aprendizagem da dança por portadores de síndrome de Down.** In: IV Colóquio internacional de educação: educação diversidade e ação pedagógica. Pôster, 2014. *Anais Santa Catarina*, 2014, V.2, N. 1.

TONELLI, P. D. **Dança de Salão: instrumento para a qualidade de vida no trabalho.** 81f. Monografia – Bacharel em administração. IMESA- Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis. FEMA- Fundação Educacional do Município de Assis, 2007.

WERNECHK, C. **Muito Prazer, Eu Existo.** ed. 4^a. Rio de Janeiro: Notrya Ltda, 1995.

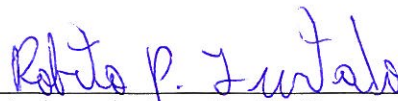
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**PERCEPÇÕES DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN SOBRE O
SIGNIFICADO DA DANÇA**

Trabalho apresentado para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação do professora Vanessa Helena Santana Dalla Déa.

Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Goiânia, Julho de 2017



Prof/a. (orientador/a ou Prof/a.Coordenador de Curso)

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS MONOGRAFIAS

 ELETRÔNICAS REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DE MONOGRAFIAS DA UFG – RIUFG**

1. Identificação do material bibliográfico monografia:

Graduação [] Especialização

2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor (a):	Ingrid Danielle C. Gonçalves
E-mail:	INGRIDBOMBOMFEFG@GMAIL.COM
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim [] Não
Título:	Percepções de alunos com síndrome de Down sobre o significado da dança
Palavras-chave:	Síndrome de Down, Dança
Título em outra língua:	
Palavras-chave em outra língua:	
Data defesa:	05/09/2017
Graduação/Curso Especialização:	
Orientador (a)*:	Camessa Helena Santana Dalla'Veia

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

- a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

Termo de autorização

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional de Monografias da UFG (RIUFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? Sim () Não

Permitir modificações em sua obra?

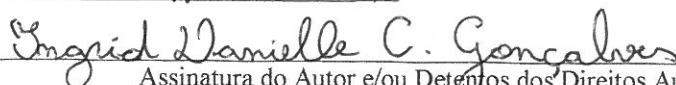
() Sim

() Sim, contando que outros compartilhem pela mesma licença .

Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local e Data FEFD / 14/09/2017



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais